



DESENVOLVIMENTO DO EDUCANDO COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: A CONTRIBUIÇÃO DOS MÉTODOS DE APLICAÇÃO PEDAGÓGICA

Isadora Barros Meira da Rocha

Vanda Félix Ribeiro de Souza

Dra. Regina Lígia W. de Azevedo

*Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – isinha_meira@hotmail.com/
vanda_souza_@hotmail.com/ regina.azevedo@gmail.com*

Resumo do artigo: A Dificuldade de Aprendizagem e a Deficiência Intelectual são dois parâmetros distintos que muitas vezes se confundem no ambiente escolar. Dessa forma, as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula por vezes acabam sendo incorretas, ocorrendo, assim, a exclusão ou mau acompanhamento do aluno que apresenta possíveis diagnósticos. Portanto, este trabalho teve como objetivo apresentar a grande contribuição dos jogos, atividades e brincadeiras para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, linguístico e físico-motor dos educandos, bem como a sua utilização para o desenvolvimento de conteúdos curriculares, levando a informação e orientação aos pais, educadores, escola e comunidade, tendo em vista que as diferenças de ideias, opiniões e níveis de compreensão enriquecem o processo, tendo como foco principal o bem estar físico, emocional e intelectual desses educandos. A metodologia utilizada foi baseada em uma pesquisa teórica de busca bibliográfica a partir de estudos em artigos e livros científicos sobre a temática abordada, além do uso da Observação Participante, tendo como principais autores Piaget, Vygotsky, Ajuriaguerra e David Ausubel. Para eles, os métodos pedagógicos favorecem no processo cognitivo, afetivo, social, moral, linguístico e físico-motor, propiciando o acesso ao conhecimento através da vivência, da troca, da experiência, de uma educação mais lúdica e significativa. Percebeu-se a importância de que as práticas de ensino propiciam o desenvolvimento de todos, fazendo com que os educandos não desenvolvam baixa expectativa em relação à sua aprendizagem, mas que, inseridos nesse processo de ensino-aprendizagem, sejam estimulados, amados, aceitos e tratados com igualdade, tendo em vista que cada um apresenta uma maneira diferente de construir conhecimento, sendo o educador o mediador de suas competências e habilidades, onde os limites e possibilidades de cada um devem ser respeitados e valorizados.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, Deficiência Intelectual, jogos pedagógicos, atividades lúdicas, Psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

A Dificuldade de Aprendizagem (D.A.) e a Deficiência Intelectual (D.I.) são dois parâmetros distintos que muitas vezes se confundem no ambiente escolar. Dessa forma, as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula por vezes acabam sendo incorretas, ocorrendo, assim, a exclusão ou mau acompanhamento do aluno que apresenta possíveis diagnósticos. Portanto, este trabalho teve como objetivo apresentar a grande contribuição dos jogos, atividades e brincadeiras para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, linguístico e físico-motor dos educandos, bem como a sua utilização para o desenvolvimento de conteúdos curriculares, levando a informação e orientação aos pais, educadores, escola e comunidade, tendo em vista que as diferenças de ideias, opiniões e níveis de compreensão enriquecem o processo, tendo como foco principal o bem estar físico, emocional e intelectual desses educandos. Sendo assim, abordaremos alguns pontos que diferem a Dificuldade de Aprendizagem da Deficiência Intelectual.

De acordo com Fonseca (1999), a Dificuldade de Aprendizagem é um termo geral que diz respeito a um grupo diferente de desordens que surgem com dificuldades expressivas na aquisição e utilização da fala, da escrita, compreensão auditiva e raciocínio lógico ou matemático. Os alunos com Dificuldade de Aprendizagem podem apresentar problemas na resolução de algumas tarefas escolares e serem muito bons na resolução de outras.

O termo Dificuldade de Aprendizagem surgiu na década de 60, com a finalidade de situar essa problemática no contexto educacional, surgindo, então, a primeira definição proposta por Samuel Kirk, este considerado o pai das Dificuldades de Aprendizagem, distanciando das definições, tais como: deficiência mental, privação sensorial, privação cultural, entre outras. A D.A. tem como característica uma breve impossibilidade ou dificuldade para a aprendizagem, gerado por motivos internos ou externos que, quando resolvidos, abrem-se novas possibilidades de oportunidades para uma aprendizagem mais significativa.

Os tipos de Dificuldade de Aprendizagem são: dislexia, disgrafia, discalculia, TDAH, dispraxia, disortografia, dislalia. A criança com uma dessas dificuldades não deve ser classificada como deficiente, ela é uma criança que aprende de uma maneira diferente, pois apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Acomete áreas escolares específicas e não interfere em outras habilidades. A D.A. tem seu início situado obrigatoriamente na primeira ou segunda infância.

No caso da Deficiência Intelectual, a Revista de Deficiência Intelectual da APAE de São Paulo (2011), afirma que o funcionamento intelectual é significativamente inferior à média (QI), tendo suas manifestações antes dos dezoito anos e associados a limitações adaptativas em duas ou mais áreas de habilidades, tais como: comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização da comunidade, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho.

A Deficiência Intelectual não se identifica por características físicas, mas pelo funcionamento cognitivo. O diagnóstico tanto da D.A. como da D.I. deve ser construído por uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, psicopedagogo, pedagogo, neurologista, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, pais, etc. É importante respeitar as diversidades culturais e linguísticas dos alunos ao realizar o diagnóstico. Faz-se necessário considerar também formas de comunicação e comportamentos para não haver um diagnóstico errado. O diagnóstico deve servir para propor ações e intervenções que venham estimular a aprendizagem desse aluno e nunca servir para limitá-lo. Logo, sendo construído por uma equipe multidisciplinar tem mais chance de acertar.

Para que a pessoa com Dificuldade de Aprendizagem ou Deficiência Intelectual desenvolva o aprendizado, é necessário que haja a utilização de práticas pedagógicas. Portanto, o objetivo geral deste trabalho é esclarecer informações a respeito das Dificuldades de Aprendizagem e da Deficiência Intelectual, de modo que qualquer equívoco seja descartado, para, assim, contribuir na inclusão dessas pessoas na escola, melhorando a pedagogia do professor e assegurando-lhes o direito de aprender e construir conhecimento.

Nesse contexto de busca e certeza do diagnóstico, entra o papel do psicopedagogo que, junto à equipe multidisciplinar, irá olhar de maneira específica, analisar e assinalar os fatores que favorecem ou prejudicam uma boa aprendizagem numa relação de proximidade ao aluno, intervindo junto ao professor, dando-lhe soluções assertivas, tendo habilidades e competências para escolha de ferramentas e técnicas que possam melhorar a aprendizagem do educando. Sendo assim, ele estará promovendo o sucesso e ganho de qualidade, melhorando o desempenho do aluno e do professor.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi baseada em uma pesquisa teórica de busca bibliográfica a partir de estudos em artigos e livros científicos sobre a temática abordada (Deficiência Intelectual, Dificuldade de Aprendizagem, psicomotricidade, jogos pedagógicos, aprendizagem significativa, entre outros). Teve como base os principais autores Piaget (1971), Vygotsky (1991), Ajuriaguerra

(1976 apud CONSTALLAT, 2002) e David Ausubel (1963 apud PELIZZARI et al., 2002). Além do uso da Observação Participante, tendo em vista que, segundo Anguera (1985), trata-se de uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade.

Dessa forma, a observação participante foi aplicada na Escola Estadual de Educação Especial Ana Paula Ribeiro Barbosa Lira (FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência) e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Leônidas Santiago, localizada em João Pessoa/PB, através da prática diária dos educandos, estabelecendo novos desafios a partir de um conhecimento prévio, de forma a analisar a Zona de Desenvolvimento Proximal com o uso de jogos pedagógicos e atividades lúdicas, a fim de potencializar as habilidades cognitivas dos educandos que apresentam deficiências e/ou dificuldades.

O jogo é uma atividade tipicamente humana e com ele o indivíduo é capaz de se envolver e imprimir os seus sentimentos e suas emoções mais subjetivas. Ele é construtivo e pressupõe uma ação do indivíduo sobre a realidade. O objetivo do jogo é colaborar na educação, estimulando o autoconhecimento, autonomia e a interação social, facilitando, com isso, a aprendizagem. Por meio dele o ser aprendente assimila o mundo para atender os seus desejos e fantasias.

Segundo Piaget (1971), o jogo segue uma evolução que se inicia com jogos de exercícios (os funcionais), representando a forma inicial do jogo e que perdura por toda a existência do ser humano; em segundo, os jogos simbólicos, os quais são exercícios que se utilizam da imaginação, ou seja, o pensamento egocêntrico; e por fim o jogo de regras, que é justamente onde Piaget classifica como jogo propriamente dito, cujo principal característica é a transição do individual para o social.

Para Vygotsky (1991), o jogo é uma ferramenta fundamental na aprendizagem onde o educador pode mediar para que o ser aprendente consiga ultrapassar possíveis limitações na sua aprendizagem, o que ele define como Zona de Desenvolvimento Proximal.

Tendo em vista que ao trabalhar com jogos pedagógicos e atividades lúdicas, desenvolve-se a maturidade do sistema nervoso e, conseqüentemente, há a integração das funções motoras e psíquicas, Ajuriaguerra (1976 apud CONSTALLAT, 2002) atenta para o desenvolvimento da criança, voltada para a relação do corpo com o meio. Ele defende que a evolução da criança ocorre através da conscientização da mesma em relação ao seu corpo e trata o corpo como uma unidade efetiva para o desenvolvimento da esfera mental, afetiva e motora. A organização e construção da

personalidade são essencialmente por meio das experiências corporais conquistadas na vivência da criança.

Com isso, é de suma importância desenvolver o trabalho como especialistas em Atendimento Educacional Especializado e psicopedagogas institucionais na prevenção e diagnóstico da Deficiência Intelectual e das Dificuldades de Aprendizagem, respectivamente, junto à equipe multidisciplinar. Pois, considera-se que a comunidade escolar em geral é o melhor caminho para trabalhar as dificuldades de aprendizagem e deficiências, criando métodos de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Ausubel (1963 apud PELIZZARI et al., 2002), ao tratar da teoria da Aprendizagem Significativa, afirma que o fator isolado mais relevante que mais influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece, ou seja, aquilo que faz parte da sua realidade. Por exemplo, as imagens abaixo apresentam uma atividade lúdica para trabalhar a chegada da primavera, a partir da qual os educandos constroem flores com papel emborrachado (EVA) em cores diversificadas à escolha individual deles.

Para a execução dessa atividade foi preciso questioná-los a respeito de seus conhecimentos prévios sobre a temática abordada no atendimento, trabalhando o resgate de sua memória ao que se vive em seu cotidiano, isto é, o reconhecimento de flores e jardins em suas casas, ruas, praças por onde passam e na própria escola, além de desenvolver a interação social, a criatividade, coordenação motora, psicomotricidade, entre outros.



Abaixo, há exemplos de jogos pedagógicos realizados durante o Atendimento Educacional Especializado: jogo da argola e identificação de objetos através do reconhecimento das letras do alfabeto, jogo da velha e lego. A partir desses, foi constatado a ampliação das habilidades cognitivas, motoras, a interação com o meio, a linguagem, a criatividade, assim como, a autonomia dos aprendentes.

Foi percebido que alunos com Deficiência Intelectual que tinham, principalmente, dificuldades de interação e autonomia, passaram a exercer tais aptidões com mais desenvoltura. Assim como, alunos que apresentavam Dificuldade de Aprendizagem, tais como dislexia e disgrafia, potencializaram a habilidade de construir palavras, fazerem leituras com uma maior compreensão das mesmas, ouvir melhor, oralizar, entre outros, além do desenvolvimento motor que facilita para a escrita. Nos dois casos também se percebeu que os educandos passaram a ter maior capacidade para reconhecerem as cores.





Logo, verifica-se que trazer para a sala de aula objetos, cores, imagens e conteúdos que fazem parte da realidade dos aprendentes por meio de jogos pedagógicos e atividades lúdicas, conecta-os ao seu conhecimento prévio ao assimilarem os mesmos aquilo que faz parte do seu dia a dia, tornando a aprendizagem mais significativa para eles e muito mais simplificada, de forma a aprimorar suas habilidades.

Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva. (PELIZZARI et al., 2002)

Assim, como afirma Pelizzari et al. (2002), quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ser ligado a algo já conhecido, ocorre o que Ausubel chama de aprendizagem mecânica, isto é, as novas informações são aprendidas e aprendidas sem interação com conceitos relevantes

existentes na estrutura cognitiva, através da memorização de fórmulas e leis, esquecendo-se das mesmas após a avaliação.

CONCLUSÃO

A teoria abordada neste trabalho é validada através dos resultados obtidos por meio da aplicação dos métodos pedagógicos escolhidos para o atendimento desses educandos. Percebeu-se que no processo de aprendizagem se faz necessário o empenho, o conhecimento do educador sobre novas práticas pedagógicas que possibilitem adequações curriculares, metodologias de ensino, adaptações físicas, parcerias sociais e familiares, pois o educando, em seu tempo e com a metodologia apropriada, avança na maturação e empoderamento de suas habilidades.

Vimos a importância da teoria de Ausubel, com sua perspectiva da aprendizagem significativa; Piaget, defendendo a autonomia da criança; Vygostky, com um olhar diferenciado para a importância da interação social no desenvolvimento da criança; e Ajuriaguerra, influenciando na coordenação psicomotora da criança. Para eles, os métodos pedagógicos favorecem no processo cognitivo, afetivo, social, moral, linguístico e físico-motor, propiciando o acesso ao conhecimento através da vivência, da troca, da experiência de uma educação mais lúdica e significativa.

Desse modo, é importante que as práticas de ensino propiciem o desenvolvimento de todos, fazendo com que os educandos não desenvolvam baixa expectativa em relação à sua aprendizagem, mas que, inseridos nesse processo de ensino-aprendizagem, sejam estimulados, amados, aceitos e tratados com igualdade, tendo em vista que cada um apresenta uma maneira diferente de construir conhecimento, sendo o educador o mediador de suas competências e habilidades, onde os limites e possibilidades de cada um devem ser respeitados e valorizados.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais.** Brasília: MEC/SEF/SSEESP, 1999.

COSTALLAT, Dalila M.M. de. Exercícios psicomotores básicos de Educação Tônica para a otimização da aprendizagem formal da escrita. *In: A psicomotricidade otimizando as relações humanas.* São Paulo: Arte & Ciência, 2002. 2.ed. O.N.P. Ordem Nacional dos Psicomotricistas.

FONSECA, V. **Insucesso Escolar: Abordagem Psicopedagógica às DA.** Lisboa: Editorial Âncora, 1999.

GOMES, Adriana Leite Lima Verde; PAULIN, Jean Robert; FIGUEREDO, Rita Veira de. Ministério da Educação. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual.** Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

MAFRA, Sônia Corrêa. **O lúdico e o desenvolvimento da criança com deficiência intelectual.** Secretaria do Estado da Educação Educacional. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-6.pdf>> acesso em: 10.08.2016

Observação Participante. *In: Artigos de apoio Infopédia [em linha].* Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$observacao-participante](https://www.infopedia.pt/$observacao-participante)> acesso em: 17.08.2016.

PELIZZARI, A. et al. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

Revista de Deficiência Intelectual. Ano I. Número 1. Julho/Dezembro 2011. APAE de São Paulo, SP. Disponível em: <<http://www.apaesp.org.br>> acesso em: 10.08.2016.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de Aprendizagens: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola,** 3ª ed. Rio de Janeiro: Wark Ed., 2011.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

SERANTE, Márcia. **Viva a inclusão.** Disponível em: <marciaserante.blogspot.com.br> acesso em:
10.08.2016

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo. Martins Fontes, 1991.

